

# OS CICLOS DA SAUDADE UNIVERSAL EM ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

Manuel da Cruz

Instituto de Filosofia - Universidade do Porto.  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto  
(351) 226 077 100 | [ifilosofia@letras.up.pt](mailto:ifilosofia@letras.up.pt)

Resumo: Neste nosso texto, dissertaremos sobre a filosofia da saudade na obra de  
António Braz Teixeira.

Palavras-chave: pensamento português, saudade, António Braz Teixeira

Abstract: In this text, we will discuss the philosophy of saudade in the work of  
António Braz Teixeira.

Keywords: Portuguese thought, saudade, António Braz Teixeira

O filósofo António Braz Teixeira apresenta-nos, no livro *A Filosofia da Saudade*, sete ciclos ou períodos em que a saudade se destinge pela forma como foi abordada, tanto poeticamente como filosoficamente<sup>1</sup>.

É uma distinção que obedece mais a critérios culturais do que a uma cronologia fixa, se bem que ambas se encontram na periodologia apresentada. Estes são, pois, ciclos que se iniciam quando os primeiros textos em português são produzidos, mas que ainda se notam os traços da irmandade com o galego, nos quais têm principal expressão nos Cancioneiros Galaico-Portugueses. É deste período (séc. XIII<sup>2</sup>) que a reflexão filosófica e a poetização da Saudade atravessará vários outros períodos até à atualidade, no qual o filósofo distingue pelo seu “pendor metafísico” (Teixeira, 2006, p. 15) e, numa espécie de reencontro com a origem, se expressa na filosofia galega e portuguesa.

Importa, pois, expor quem compõe e quais os modos de abordagem que distinguem cada ciclo, pela forma como nos apresenta o filósofo no livro acima mencionado.

\*

O primeiro ciclo é eminentemente poético ressentindo ainda uma ausência de reflexão filosófica ou de sustentação argumentativa. Entende-se a presença do sentimento saudoso e a sua expressão através da poesia, como primeira forma de abordar a saudade e a primeira vez que a palavra, ainda com a forma de *soidade/soedade/suidade*<sup>3</sup>, aparece na literatura portuguesa<sup>4</sup>.

Ciclo este que termina com o “primeiro grande mito saudosista” (Teixeira, 2006, p. 12), o mito de Inês de Castro<sup>5</sup>, porque *saudade* e *morrer de amor* são duas faces “do mesmo prisma de tenra afectividade e da mesma resignação apaixonada” como dirá Carolina Michaëlis (Botelho & Teixeira, 1986, p. 148).

---

<sup>1</sup> “Na história da expressão do sentimento saudoso e da reflexão filosófica sobre a saudade é possível distinguir sete ciclos ou períodos.” (Teixeira, 2006, p. 12).

<sup>2</sup> “Logo no alvorecer da poesia, ainda antes de 1200, surgem naturalmente lindos lamentos de amor e de ausência.” (artigo de Carolina Michaëlis “A Saudade Portuguesa”, in Botelho & Teixeira, 1986, p. 149).

<sup>3</sup> “As formas primitivas so-e-dade so-i-dade sui-i-dade ainda não se haviam cristalizado na mais melodiosa de *saudade*” (Botelho & Teixeira, 1986, p. 151).

<sup>4</sup> Para além da discussão poética, ontológica, fenomenológica ou outras formas de abordagem filosófica, está sempre presente também uma discussão linguística, na qual uns atribuem o termo *saudade* como originariamente português e por isso termo-conceito espelho da espiritualidade portuguesa, como poderemos constatar em Pascoaes, ou um termo e sentimento universal sem a raiz regionalista em Portugal, como podemos observar em António Sérgio.

<sup>5</sup> “(...) fase inicial, em que a saudade se manifesta exclusivamente sob a forma poética, tendo a sua expressão nos cancioneros galaico-portugueses, e na qual surge o primeiro grande mito ou lenda saudosista – o de Inês de Castro –” (Idem, *ibidem*).

A filóloga ainda menciona alguns poemas que caracterizam esta saudade como “Ai eu, coitada! – como vivo”<sup>6</sup> (primeiro verso), o qual trata da saudade pelo “amigo” que “ei alongado” e é pois seu “gran desejo” que retorne, havendo nas duas quadras uma intensa expressão de melancolia e desespero pelo desejo de que o seu amado regresse, o que é ainda exaltado pelo “ai” que principia a cada primeiro verso da quadra (Idem, ibidem), o mesmo suspiro que se apresenta no poema “Como morreu quem nunca ben”<sup>7</sup> pelo “mais velho dos trovadores portugueses” e que “exala a sua própria mágoa, seu pesar, seu lento morrer de amor, sua saudade cuidosa” (Idem, ibidem).

São exemplos deste ciclo, as obras *Consolação de Israel* de Samuel Usque, *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, *Cartas da Religiosa Portuguesa*, *Cancioneiro de D. Dinis*, *Cancioneiro Galego-castelhano*, *Cancioneiro da Ajuda* e o *Cancioneiro Colocci Brancuti*<sup>8</sup>.

A este ciclo segue-se uma abordagem reflexiva e fenomenológica à saudade (Ciclo Filosófico) através do *Leal Conselheiro* (“Do Nojo, Pesar, Desprazer, Avorrecimento e Suidade” - cap. XXV) do rei D. Duarte, que a distingue de outros sentimentos como o *nojo*, o *pesar*, o *desprazer* e o *aborrecimento* (Teixeira, 2006, p. 12).

Para o filósofo-rei, a saudade ou *suidade* demarca-se, desde logo, pela sua individualidade que define um sentimento único<sup>9</sup> que é inteiramente português (Idem, p. 22). É, também, devido a este seu carácter especial, que não se resume a um sentimento, que pode servir como o meio para conhecer através da autoanálise (Idem, ibidem).

Quanto ao seu carácter de sentimento, este, apesar de distinto, partilha do sentimento de nojo e tristeza. O primeiro distingue-se da tristeza por ser um sentimento triste, mas menos duradouro e intenso visto que “passado o dia, logo riem, falam e despachadamente no que lhes apraz pensam”, ao contrário da tristeza que “embarga sempre continuamente o coração” (Idem, p. 13). Deste modo, a saudade faz “sentir às vezes os sentidos da tristeza e do nojo”, e pode-se, por isso, considerar que “vem da sensualidade, e não da razão” (Idem, p. 14).

---

<sup>6</sup> *Cancioneiro da Ajuda*, Vol II p. 593, como é mencionado em Botelho & Teixeira, 1986, p. 149.

<sup>7</sup> *Cancioneiro da Ajuda*, Vol I p. 76 e II p. 317 seg., como mencionado em Botelho & Teixeira, 1986, p. 150.

<sup>8</sup> António Braz Teixeira não discorre sobre as obras que poderíamos exemplificar como expressões do sentimento da saudade, englobando toda a sua expressão nos Cancioneiros Galaico-Portugueses. Mencionei, pois, algumas obras que pertencem a esta categoria seguindo as mencionadas por Carolina Michaëlis.

<sup>9</sup> “[...] latim nem outra linguagem que eu saiba não é para tal sentido semelhante.” (Botelho & Teixeira, 1986, p. 14).

Apesar da sua origem centrar-se no “sentimento que o coração experimenta por se achar apartado” (Teixeira, 2006, p. 22-23), a *suidade* não se encerra na sensualidade ou na dialética *lembrança-desejo*, mas pode, também, ser analisada no seu sentido ético, em que esta é julgada “à luz da ética cristã e do seu sentido salvífico”, como defende Braz Teixeira (Idem, p. 24).

Sendo o filósofo-rei o único representante deste ciclo, abordamos então o terceiro ciclo, o Ciclo Mitológico que se caracteriza, principalmente, pelas “máximas expressões poéticas” e “sentido metafísico e cósmico da saudade” (Idem, p. 12-13), tendo como principais representantes Bernardim Ribeiro, António Ferreira, Camões e frei Agostinho da Cruz.

É na relação entre a transcendência, no amor e na tragédia que a saudade surge nas obras destes autores, temos como exemplo o sentimento saudoso surgido da distância que ocorre na protagonista da *Menina e Moça* (“Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe”), sendo que a lembrança sentida pela distância toma no poema *Sôbolos rios que vão*, um sentido mais divino e transcendental porque a saudade, à semelhança da alma, “é do Céu”, lembrando uma ideia de reminiscência platónica em que a alma habita um corpo-túmulo. De Camões podemos ainda referir, principalmente, o canto décimo da epopeia nacional em que há uma esperança de um futuro português baseado na saudade daqueles que no passado realizaram grandes feitos, servindo, assim, a saudade como elemento mítico direcionado para um império também ele mítico.

Em Agostinho da Cruz encontramos o sentido transcendental, já acima referido, como é exemplo o poema *Na Serra d’Arrábida*, em que a saudade lhe surge “No meio desta serra”, talvez em reflexão pela postura de ermita e distanciamento e isolamento de tudo, que o toma como “fogo dentro n’água fria”.

Podemos, ainda, acrescentar a reflexão linguística de Duarte Nunes de Leão que caracteriza a saudade como “próprio dos Portugueses” porque são “maviosos e afeiçoados” e “não há língua em que da mesma maneira se possa explicar”, porque o que os latinos chamariam à saudade de *desiderium* que apenas se dirige ao desejo de ver outra pessoa, enquanto que a saudade em português tem um sentido mais abrangente como o desejo de “ver a terra em que nascemos”, neste sentido, esta palavra única pode ser definida como a “lembrança de alguma coisa com desejo dela.” (Botelho & Teixeira, 1986, p. 18).

Do Ciclo Mitológico transitamos para o Ciclo Sebastianista, como é já sugerido pela poesia camoniana, essencialmente a épica, mas que após a perda da independência nacional, o sentimento saudosista corporiza no sebastianismo, ou seja, na esperança de um regresso de um passado glorioso.

Por esta razão, os principais autores são aqueles que refletem sobre o sebastianismo como é o caso do padre António Vieira, Bandarra e D. João de Castro, mas toma em D. Francisco Manuel de Melo, cofundador com D. Duarte da reflexão sobre a saudade, um sentido mais aprofundado e característico.

O filósofo-poeta empreende uma “anatomia de um afecto”, encontrando as suas raízes no *amor* e na *ausência* (Teixeira, 2006, p. 24), visto que a saudade parte de um apetite natural de união das coisas e da ausência que resulta nessa falta, que numa análise metafísica corresponde à saudade divina, isto é, devido à queda do homem, à sua expulsão do paraíso, surge um estado ontológico do homem, no qual há uma reminiscência do estado original e um desejo de aí voltar, de “regressar ao paraíso”, numa procura pela beatitude (Idem, p. 26).

O filósofo também corresponderá este sentimento ao espírito português, isto é, “Floresce entre os Portugueses a saudade por duas causas, mais certas em nós que em outra gente do mundo”, o “Amor e ausência são os pais da saudade”, e isto aplica-se aos portugueses pelo nosso carácter “amoroso” e às nossas “dilatadas viagens” que proporcionaram ausência (Botelho & Teixeira, 1986, p. 19).

Assim a saudade, para o autor das *Epanáforas*, é uma “mimosa paixão da alma”, um “mal, de que se gosta, e um bem, que se padece” (Idem, p. 20, como citado em *Epanáforas de Vária História Portuguesa*, Epanáfora Amorosa III de 1660).

Será, pois, a paixão que reside na saudade, que a tornará solo fértil para o romantismo português que se “iniciou sob o signo e a evocação da saudade, tornando-a, assim, o sentimento romântico por excelência” (Idem, p. 26: Carolina Michaëlis, em *A Saudade Portuguesa*), caracterizando, desta forma, o ciclo seguinte como o Ciclo Romântico, no qual podemos mencionar Almeida Garrett, Soares dos Reis, Soares de Passos, António Nobre ou Rosália de Castro.

De relevar que entre escritores portugueses, encontramos o escultor Soares dos Reis e a poetisa galega Rosalía de Castro. O primeiro distingue-se pela escultura “O Desterrado” que é tido como o símbolo corporizado em pedra cinzelada do sentimento da saudade, e de Rosalía de Castro um exemplo da participação do sentimento saudosista para lá das fronteiras nacionais, sendo que a sua poesia sobre a saudade se

debruça, essencialmente, sobre a emigração dos galegos, como é de referir o *Cantar de Emigração*.

Mas deste conjunto, Almeida Garrett protagoniza figura cimeira na expressão da Saudade como é exemplo o seu *Camões*.

Garrett, afirmará, também, a particularidade da palavra na língua portuguesa (“[Garrett] observa que só a língua portuguesa dispõe de uma palavra para designá-la”), afirmando, contudo, a sua natureza universal. Assim, saudade é um sentimento ou pensamento da solidão, o desejo melancólico daquele que está em solidão, isto é, ausente de objetos (“por que suspira”) ou pessoas. É, assim, o “desejo do ausente e solitário”, como também é definido liricamente no início do poema *Camões*: “Saudade, gosto amargo de infelizes, / Delicioso pungir de acerbo espinho, / Que me estás repassando o íntimo peito / Com dor de que os seios d’alma dilacera, / - Mas dor que tem prazeres – Saudade! / Misterioso nume, que avientas / Corações que estalam, e gotejam / Não já sangue de vida, mas delgado / Soro de estanques lágrimas – Saudade! / Mavioso nome que tão meigo soas / Nos lusitanos lábios, não sabido / Das orgulhosas bocas dos Sicambros / Destas alheias terras, - Oh Saudade! / Mágico nume que transportas a alma / Do amigo ausente ao solitário amigo, / Do vago amante à amada inconsolável, / E até ao triste, ao infeliz proscrito / - Dos entes o misérrimo na Terra - / Ao regaço da pátria em sonhos levas.” (Teixeira, A 2006, p. 27).

Podemos, ainda, acrescentar a personagem da Joanhinha e as personagens de Frei Luís de Sousa como exemplos da expressão da saudade, como assim defendia Michaëlis em *A Saudade Portuguesa*.

Deste ciclo, atravessamos para o Ciclo filosófico/poético/cultural (1910-1925) em que surge, pela primeira vez, um movimento associado à saudade, o *Saudosismo* tendo como representantes Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, entre outros.

É natural que nos foquemos em Teixeira de Pascoaes, pois foi o iniciador deste movimento através da Revista *Águia* e pelos seus trabalhos poéticos e filosóficos. A saudade, no poeta-filósofo, toma vários sentidos, sejam literários, filosóficos, políticos e ontológicos, importa, pois, e sabendo a sua complexidade, expor em traços gerais o seu pensamento saudosista.

Pascoaes, primeiramente, identifica o saudosismo no espírito português<sup>10</sup>, porque é neste ser português que confluem os caracteres arianos e semitas, que correspondem ao Desejo e à Dor<sup>11</sup>, elementos pilares da saudade, o que faz a saudade identificar-se com o “espírito lusitano” e fundamento da “arte de ser português” (Teixeira, 2006, p. 30).

Mas ao Desejo e à Dor corresponde a Vida e a Morte, assim, quando a saudade é ampliada à Natureza, esta identifica-se com a “própria alma universal” (Idem, ibidem); e sendo o amor a “matéria-prima do Espírito”, ou seja, a união da esperança e lembrança, então tudo é criação da saudade (Idem, p. 31).

Apesar de tudo, Deus continua a ser a origem, contudo este Deus não é absoluto, mas diminuído (não onipotente), devido à imperfeição da obra, que é uma cisão/queda dele mesmo, tal como afirmava Sampaio Bruno – “Deus é a última criatura e o primeiro criador” (Idem, ibidem). Desta forma, as criaturas “decaídas” apenas readquirem a plenitude divina pela “actividade saudosa da alma” (Idem, p. 33).

Com fundamentação metafísica e correspondente ao ser português, a saudade<sup>12</sup> será o suporte para o movimento saudosista que pretende salvar “a alma pátria” que se encontra “subterrada e adormecida sob as más influências estranhas” (Idem, p. 22: Teixeira de Pascoaes - *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*), e é neste sentido que a saudade toma uma qualidade política e dirigida para o futuro, principalmente como fonte encorajadora da autoestima portuguesa, tanto que “Foi a *Saudade*, transfigurada em Acção e Vitória no corpo de Afonso Henriques que riscou na Ibérias as fronteiras de Portugal” e que “Foi ela que venceu em Aljubarrota” (Idem, p. 32), mas também a podemos observar como inspiradora pelos discursos do *pobre tolo* de Pascoaes que relembra quem foram aqueles portugueses que passam por si na ponte de S. Gonçalo, e que se esqueceram do quão grandes foram na vida passada: “O Zé Preto, por exemplo, foi um Deus nocturno; acendia as estrelas no Infinito e agora é o Zé Pedro lampianista.

A Madalena, da Torre, limpou as chagas de Cristo com a loira trança revolta. Viu Jesus no Calvário; e Jesus apareceu-lhe, depois de morto. Agora, a Madalena é a esposa

---

<sup>10</sup> “(...) a visão da saudade e do saudosismo como expressão essencial do espírito português”, Braz Teixeira referindo-se ao pensamento saudosista de Teixeira de Pascoaes (Teixeira, 2006, p. 30).

<sup>11</sup> “O desejo e a dor fundidos num sentimento dão a Saudade.” (Botelho & Teixeira, 1986, p. 25).

<sup>12</sup> Sobre a questão linguística do termo “saudade”, Pascoaes será preciso ao afirmar que “Sim: a palavra Saudade é intraduzível. O único povo que sente a Saudade é o povo português, incluindo talvez o galego, porque a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela. A Galiza é a nossa Alsácia.” (Botelho & Teixeira, 1986, p. 30).

arrependida dum moleiro que a espanca, todas as noites, ao entrar em casa embriagado” (Pascoaes, 2000, p. 67).

Assim, como elemento político, o saudosismo comporta ainda outros aspetos que abrangem a própria cultura portuguesa, esta é, pois, “uma nova Religião. E nova Religião quer dizer nova Arte, nova Filosofia, um novo Estado, portanto”, sendo que Pascoaes exemplifica essa “nova arte” (Botelho & Teixeira, 1986, pp. 26-27), pela expressão literária de Guerra Junqueiro, Afonso Lopes Vieira e Jaime Cortesão, e, por isso, “O Povo precisa de ler e amar estes Poetas que são os intérpretes do que há de mais íntimo e inconfundível na alma e na paisagem portuguesas.” (Idem, p. 28).

Na Pintura, com António Carneiro em que as suas “cores pagãs cristianizam-se, e a luz apolínea, nas suas paisagens, enternece-se, é como que uma oração esparsa no ar...” (Idem, ibidem); e na música com o “Orfeão do Porto e de Coimbra, dirigidos por António Joyce e Fernando Moutinho.” (Idem, p. 29); na escultura com o *Desterrado* de Soares dos Reis que é, para Teixeira de Pascoaes, a “Esfinge da Raça”, “estátua sagrada”, sendo o artista o “precursor dos actuais Poetas, o precursor da verdadeira arte lusitana. É uma Figura suprema.” (Idem, p. 30); e na Filosofia, Leonardo Coimbra com o *Criacionismo*, que só um “filósofo português poderia criar espontaneamente” (Idem, p. 28).

Contudo, e é de mencionar, que o poeta do Marão teve como rival às suas exposições filosóficas o filósofo António Sérgio como podemos observar pela série de cartas que foram trocadas entre os dois, e em que se debate a ideia do saudosismo.

Por exemplo, à definição de Pascoaes de saudade como “uma velha lembrança gerando um novo desejo” (Idem, p. 57), Sérgio intenta refutá-la ao exemplificar com o comportamento de um cão que, primeiro ao seu agredido por um sujeito, após alguns dias morde-o por um “desejo naturalíssimo de sentir a carne do agressor” (Idem, ibidem; António Sérgio – *Epístolas aos saudosistas*). Neste sentido, o sentimento da saudade não passaria de um básico mecanismo comportamental.

Também, noutro sentido, Sérgio afirma que a expressão da saudade nas artes deveu-se às “condições sociais dos idos tempos”, isto porque “O que vale em arte é o que sai espontaneamente do temperamento do artista e das circunstâncias da sua vida”, por isso, tentar reanimar este sentimento como fulcral da arte seria criar um artificialismo (Idem, p. 57), tomando a saudade como “imobilismo, inércia, contemplação do passado” (Idem, p. 59).

E sobre a palavra intraduzível, Sérgio afirmaria o seu contrário exemplificando com a “soledades” do galego ou o “*desio*” do italiano (Idem, p. 61).

A polémica começa com a resposta de Sérgio “Epístolas aos saudosistas”, a que se segue a de Pascoaes “Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio”, depois Sérgio com “Regeneração e tradição, moral e economia”, Pascoaes “Respostas a António Sérgio”, Sérgio “Despedida de Julieta”, Pascoaes “Última carta?”, Sérgio “Explicações necessárias do homem de espada de pau ao arcanjo da espada dum relâmpago” e Pascoaes “Mais palavras ao homem da espada de pau”.

Ainda de relevar que Leonardo Coimbra contestou algumas ideias centrais do saudosismo<sup>13</sup>, como a saudade não poder existir em Deus, pois sendo ela uma carência e Deus infinito, então este não podia carecer; e, em segundo, como a saudade tem uma tripla dimensão temporal, esta não pode existir num Deus que é eterno.

Contudo, apesar das críticas e visões dissonantes dentro do Saudosismo, a valorização da problemática saudosista terá um enorme impacto no atual ciclo, no qual participam vários pensadores galegos e portugueses, daí a minha denominação de Ciclo Ibérico, e que se caracteriza, segundo Braz Teixeira, como um “regresso da reflexão filosófica sobre a saudade” devido à “valorização do sentimento promovida pelo pensamento de orientação existencial”, retomando o aspeto metafísico, como o de Teixeira de Pascoaes, e a linguagem poética como em Agostinho da Cruz ou António Nobre (Idem, p. 48).

Deste ciclo, podemos mencionar José Marinho, Delfim Santos, Álvaro Ribeiro, Ramón Otero Pedrayo, Ramón Piñero, entre outros. Devido à lista extensa de autores, menciona-se apenas alguns que podem servir como exemplo, como o filósofo António Dias de Magalhães que escreveu a *Divina Saudade*, dirigindo uma “demanda especulativa para o sentido ontológico e metafísico da saudade” (Teixeira, 2006, p. 52), porque é da sua vivência, que “brota do mais fundo do ser espiritual”, que se surge a “revelação do espírito” (Idem, p. 53); podemos, ainda, realçar a distinção que faz da lembrança (elemento da Saudade) e da reminiscência platónica, sendo que a primeira atua “perante o seu mundo pessoal, próprio e vivido e não perante o mundo impessoal das ideias” (Idem, *ibidem*), nesse sentido “a saudade não se configura nem se apresenta como sentimento de um objecto que falta mas como sentimento de um

---

<sup>13</sup> “Leonardo Coimbra levantará algumas objecções ao pensamento poético do seu amigo e companheiro, em especial no que respeita à noção de infinito, ao evolucionismo e ao retornismo que parecer estar subjacente ao final do poema [*Regresso ao Paraíso*], confrontando-os sempre com as soluções do seu próprio pensamento.” (Teixeira, 2006, p. 40).

sujeito que sofre por não se possuir e só poderá encontrar-se possuindo-se na doação, simultaneamente activa e passiva, da plenitude do Ser.” (Idem, p. 55), o que faz com que pela saudade seja permitida uma relação cósmica com Deus, porque nele “projeta-se, completando-se, de modo harmonioso e convergente” (“ontologia da saudade”) (Idem, p. 58).

Outro autor que podemos apresentar é José Marinho que recusa a saudade como sentimento particular do português ou do luso-galego, e toma-a como “forma universal do ser do homem”, sendo que o mito surge como um passado atual, isto é, um passado que deseja ser lembrado, como se não merecesse tornar-se história cristalizada (Teixeira, 2006, p. 60). Desta forma, o filósofo relaciona a “ontologia da saudade e a teoria do mito” (Idem, ibidem) que pode e é estendida para a saudade divina, dirigindo-se a um passado antes da vida terrena (Idem, ibidem).

Na senda de um passado celestial e de uma saudade divina, podemos referir Afonso Botelho e a ideia de que saudade “não é reminiscência nem rememoração”, mas uma memória que tem por origem o próprio Éden, refletindo o infinito e a “compresença dos seres no passado, presente e futuro” num ato criador e conservador da “memória criacionista” (Teixeira, 2006, p. 65).

Também Dalila Pereira da Costa partilha desta conceção de saudade<sup>14</sup> que define como “movimento e ação” (Idem, ibidem). É, pois, como natureza prática que a saudade se torna uma via ascética, sendo que quanto maior for o seu conhecimento mais esse conhecimento se dá como “manifestação divina” (Idem, p. 74).

E é, partindo este aspeto, mais do que metafísico ou ontológico, mas teológico, que para Pinharanda Gomes a saudade toma a sua dimensão universal e não exclusivamente nacional, no sentido em que o “homem sente saudade de Deus” e lembrando-se da sua origem celestial deseja aí regressar, sendo este um “sentimento universal” (Teixeira, 2006, p. 78).

O aspeto universal é também uma verificação de Eduardo Lourenço, contudo a saudade serve como ferramenta especial para interpretar Portugal e o destino dos portugueses, considerando como *mito* (Teixeira, 2006, p. 111).

Estes foram alguns dos autores deste ciclo que, temporalmente, corresponde à atualidade e não apresenta ainda fronteira cultural ou temporal, neste sentido é um

---

<sup>14</sup> “Não pode deixar de assinalar-se, igualmente, a convergência entre o pensamento saudoso de Dalila Pereira da Costa e de Afonso Botelho no que respeita à relação entre saudade e tempo e à concepção, por ambos perfilhada, da saudade como transcensão ou anulação do tempo.” (Teixeira, 2006, p. 73).

ciclo aberto não só a interpretações, mas também a produções de filósofos ou poetas atuais que pretendam debruçar-se sobre a problemática da saudade.

Constatando, pois, os ciclos apresentados que foram expostos por Braz Teixeira, podemos concluir que esta sistematização proporciona ao leitor, não exclusivamente português, uma fundamental ferramenta para a compreensão de um sentimento que ultrapassa a *sensualidade* e se situa em níveis ontológicos e teológicos, com a mesma importância que é tratado o sentimento do Amor.

A Saudade constitui, assim, uma chave interpretativa para a questão da origem do homem e do seu sentido existencial, assim como a sua relação com Deus ou com a sua natureza originariamente inacabada e imperfeita.

### **Bibliografia consultada**

Botelho, A., & Teixeira, A. B. (1986). *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Pascoaes, T. d. (2000). *O Pobre Tolo*. Lisboa: Assírio e Alvim.

Teixeira, A. B. (2006). *A Filosofia da Saudade*. Matosinhos: QUIDNOVI.

Teixeira, A. B., Pinho, A., Natário, C. M., & Epifânio, R. (2012). *Sobre a Saudade*. Zéfiro (Coleção NOVA ÁGUIA).